

Os salmos ajudam-nos a abrir-nos a uma prece menos centrada em nós mesmos: uma oração de louvor, de bênção, de ação de graças; e ajudam-nos também a tornar-nos voz de toda a criação, envolvendo-a no nosso louvor... que o Espírito Santo, que ofereceu à Igreja Esposa as palavras para rezar ao seu divino Esposo, nos ajude a fazê-las ressoar na Igreja de hoje e a fazer deste ano de preparação para o Jubileu uma verdadeira sinfonia de oração.

Papa Francisco, Audiência geral, 19 de junho de 2024



Boletim de Espiritualidade

1 AGOSTO 2024
Ano XI Nº 122

122



Agenda agosto 2024

- 2 a 12 **Taizé** (França) – Peregrinação Diocesana a Taizé – Departamento da Pastoral de Jovens da Arquidiocese de Braga [📍](#)
- 2 a 10 **Torres Novas** (Casa Cluny) – Retiro: exercícios espirituais – P. Herminio Vitorino, sj [📍](#)
- 5 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – P. Rui Acácio Ribeiro [📍](#)
- 5 a 13 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 6 a 14 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 8 a 11 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 8 **Online** – De véspera com Santa Edith Stein [📍](#)
- 8 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 18 a 24 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: “Consagrados numa Igreja Sinodal em Missão” – P. Manuel Barbosa, SCJ [📍](#)
- 14 a 18 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 16 a 24 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 19 a 27 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 22 a 25 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 25 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [📍](#)
- 26 a 30 **Fátima** (Domus Carmeli e Carmelo de S. José) – Retiro para Sacerdotes [📍](#)
- 25 a 29 **Fátima** (Capuchinhos) – 46.ª Semana Bíblica Nacional: *O Evangelho da Esperança* [📍](#)
- 26 a 31 **Fátima** (Centro Catequético) – Curso Geral intensivo para catequistas [📍](#)
- 26 a 31 **Fátima** (Consolata) – Curso de Missiologia [📍](#)
- 26 a 31 **Coruche** (Couço) – Campo de trabalho e oração promovido pelas Monjas de Belém [📍](#)
- 29 a 1set **Fátima** (Santuário) – Congresso Internacional de Maria Auxiliadora [📍](#)
- 25 a 1set **Taizé** (França) – Semana de reflexão para jovens dos 18 aos 35 anos [📍](#)

- 6 a 8 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encontro de discernimento vocacional Rumos [📍](#)
- 8 a 15 **Quito** (Equador) – 53.º Congresso Eucarístico Internacional [📍](#)
- 9 a 17 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 12 a 15 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 15 a 21 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: “Vida Consagrada Sinodal: Caminhando juntos e com Deus” – P. Abílio Pina Ribeiro, CMF (Claretiano) [📍](#)
- 19 **Silves** (Piaget) – *Vale a pena rezar hoje? O que pode acrescentar a oração à minha vida?* – Cónq. Mário Sousa [📍](#)
- 19 a 22 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 19 a 27 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 21 a 29 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 21 a 29 **Colares** (Santo Inácio) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 26 a 29 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 26 a 29 **Colares** (Santo Inácio) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 27 a 29 **Braga** (Casa da Torre) – Psicologia positiva [📍](#)
- 28 **Viana do Castelo** (Carmo) – Jornada pastoral de espiritualidade: “A esperança em Teresa do Menino Jesus” – P. Agostinho Castro [📍](#)
- 28 e 29 **Porto** (Salesianos) – «E-vangelizar» [📍](#)
- 28 a 30 **Funchal** (Carmo) – Encontro sobre a Espiritualidade de Santa Teresinha [📍](#)
- 29 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [📍](#)
- 30 **Online** – De véspera com Santa Teresinha [📍](#)

Agenda setembro 2024

- 1 a 7 **Ribamar** (Casa do Oeste) – Campo de férias para crianças e adolescentes [📍](#)
- 2 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – Dr. André Melícias [📍](#)
- 2 a 7 **Ávila** (CITEs) – II Congresso Internacional Santa Teresa de Lisieux [📍](#)

MISSIONÁRIAS REPARADORAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

M.R.S.C.J.

CENTRO CATEQUÉTICO DE FÁTIMA

FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS

CURSO GERAL

Fátima | 26 a 31 de agosto de 2024



Purificar a imagem de Deus

Armindo Vaz, OCD

Há três meses saiu a público a 2ª edição, revista e aumentada, do livro *Criação divina sem pecado humano* (Paulinas; Prior Velho 2024), que simplifica uma nova interpretação da chamada «história de Adão e Eva» em Génesis 2-3, interpretação que agora a lê no seu contexto cultural, literário e religioso próprio. Um dos frutos desta nova leitura é contribuir para a purificação da imagem de Deus e mostrar que não faz sentido acusá-lo e responsabilizá-lo pelos males contingentes que nos atormentam. Dizemo-lo, não em tom de confrontação com os que procuram Deus na noite da fé, mas em diálogo afectuoso e desejavelmente construtivo, até porque as desfigurações da imagem de Deus resultavam também da própria mentalidade tradicional cristã, que ao longo dos séculos, muito devido ao peso e à ressonância da doutrina dogmática do “pecado original” na espiritualidade, na catequese e na consciência dos crentes, fez vingar também uma atitude pessimista na sociedade perante a vida e o mundo natural. O escritor Arthur Adamov até reclamava que o nome de Deus não deveria brotar mais da boca dos humanos: é uma palavra gasta pelo uso [!] e desde há muito tempo já não significa nada, estando totalmente vazia de sentido, desprovida de sangue – pensava ele.

Soa, pois, a urgente limpar o rosto de Deus dos mal-entendidos com que o deformámos, para nos libertarmos a nós próprios dos eventuais danos colaterais à nossa psicologia e das incoerências que turbam a fé ou o religioso. É urgente abandonar a visão de Deus composta com os nossos pressupostos, aquela que não passa de um ídolo erigido pelas nossas figurações nas aras das nossas feridas, dores e limitações. O deus captado ou subentendido pelas leituras enviesadas da também chamada (inadequadamente) «história do paraíso terreal» como sendo um deus castigador, cruel e sumamente injusto não é Deus: não é o verdadeiro Deus transcendente que a fé bíblica põe em acção nas narrativas de criação e com o qual se deveriam entender os que são confrontados com o mal. Poderá ser o grande Inquisidor ou o grande Legislador que, segundo as crenças de alguns, tudo definiu e preterminou de modo fatalista (o fado!) no começo do mundo. Ou será até, segundo outros, o grande Controlador de tudo o que acontece no mundo; ou o supremo Relojoeiro que outros imaginam como tendo posto a máquina deste mundo a andar e a mantém em funcionamento, dentro do chamado Designio Inteligente (alinhado com o criacionismo, falacioso). Outros poderão equipará-lo porventura ao supremo Justiceiro que caprichosamente (então injustamente) mata quem lhe apetece ou quem merece (!) e não livra da morte quem deveria livrar. Mas a crença num deus assim gera ateus de marca maior. Se a percepção desses traços impróprios da imagem de Deus foi um factor decisivo para acontecer a descristianização do Ocidente ou para se debilitar a fé, em boa verdade eles não são atributos do Deus representado nas narrativas bíblicas de criação. Delas, pelo contrário, emerge a imagem inoxidável de um Deus transcendente, onnipotente, origem, essência e estrutura de todas as coisas e da humanidade – sem aparecer como a causa directa, factual, do mundo. O Deus que é visto pela fé bíblica a criar o mundo é aquele que dá sentido último a tudo o que existe, a tudo o que é, a tudo o que acontece.



Imagem de Deus, Antigo livro de oração alemão (Waldburg-Gebetbuch), c. 1486 – WLB Estugarda

Imprescindível para perceber essa finalidade das narrações bíblicas de criação é descobrir, pela sua análise literária, que elas contam *as origens*, não o *começo* físico do mundo e da humanidade (que deve ser explicado pelos cientistas). Não são o filme ou a *fotografia* do começo do mundo. São *radiografia* do que se conhecia no presente, para o transfigurar à luz do divino. São contemplação do mundo por parte da fé e convite a contemplá-lo na sua beleza e na sua grandeza. Relacionam-no com o sagrado, fundo último das coisas, em que tudo cobra sentido. Também não são mera ficção. São ‘história’ verdadeira, cuja verdade está especialmente no facto de não ser de ordem historiográfica mas de ordem humana e religiosa. Para encherem a vida de sentido, fazem-na remontar às suas origens, atribuindo-a a um acto criador de Deus. Quem entender os relatos de criação divina à letra como produção material das coisas transforma a lua no dedo que aponta para ela e tem de pagar caro o preço de desfigurar a mensagem desses relatos; e a linguagem conotativa deixa de remeter para o transcendente que ela sugere: petrifica-se e morre. A linguagem da fé nas narrações de criação não é a da história ou da ciência. Nem se opõe à razão. Interage com ela e vai além das ciências, abrindo janelas para o divino. Insinua que a verdade das coisas e dos factos e o mistério da vida são mais profundos do que aquilo que a linguagem conceptual consegue dizer. As narrações de criação, com a fé que as fecunda, re-presentam, tornam presente ao “coração o essencial, o invisível aos olhos” e o Inefável enquanto criador das coisas: por isso imaginam Deus a criá-las. Cruzando o natural com o sobrenatural, sugerem que a vida é significativa e preciosa. Para sublimarem a vida actual, fazem-na remontar ao original, pela linguagem figurativa.

A leitura ingénua de textos sérios não é útil a ninguém. E só faz sorrir Deus, embora nos turbe a sua imagem. Amigo da verdade é quem continua sempre a procurá-la, não quem pára depois de a ter encontrado.

«Escuta, Israel!»

Seleção de textos bíblicos por Armindo Vaz, OCD



Franz Christoph Janneck, *Ester diante de Assuero*

Do livro de Ester

Concessão de autodefesa aos judeus

[Nesta história do livro de Ester, os judeus passam de vítimas a executores com intenção defensiva, renovando o decreto de 1 Samuel 15,3 que previa a destruição total dos amalecitas, atualizados agora como antepassados de Haman e dos seus sequazes. O versículo 11 da versão grega atenua a violência, dizendo que o decreto lhes permitia observar as suas leis, ajudar-se uns aos outros e defender-se dos inimigos segundo o seu desejo; mas não fala do extermínio de mulheres e crianças nem do saque dos bens. O número das vítimas é obviamente hiperbólico, com a intenção religiosa de acentuar a generosa protecção divina: se este livro não atribui a libertação dos judeus a uma intervenção directa de Deus (como se conta noutros livros bíblicos), ela é suposta, na oração de Mardoqueu e de Ester, capítulo 4.]

8 ¹Naquele mesmo dia, o rei Assuero entregou à rainha Ester a casa de Haman, adversário dos judeus, e Mardoqueu foi apresentado ao rei, pois Ester deu-lhe a conhecer o que ele era para ela. ²O rei tirou o seu anel, que tinha mandado retirar a Haman, e deu-o a Mardoqueu... ³Ester voltou a falar na presença do rei e caiu aos seus pés, chorando e implorando-lhe que revogasse o plano perverso que Haman, descendente de Agag, maquinara contra os judeus. ⁴O rei estendeu para Ester o ceptro de ouro e Ester levantou-se. De pé diante do rei, ⁵ela disse: «Se parecer bem ao rei e se alcancei graça diante dos seus olhos..., que seja feita por escrito a revogação do plano de Haman..., que escreveu para que fossem aniquilados os judeus que se encontram em todas as províncias do rei. ⁶Pois como suportaria eu ver a desgraça que vai atingir o meu povo? Como poderia assistir à aniquilação da minha linhagem?»

⁷O rei Assuero respondeu à rainha Ester e ao judeu Mardoqueu...: ⁸«Escrevei vós mesmos a favor dos judeus, em nome do rei, como parecer melhor aos vossos olhos, e selai o documento com o sinete real, porque um escrito promulgado em nome do rei e selado com o sinete real é irrevogável».

9 Os escribas do rei foram chamados naquele mesmo instante, no vigésimo terceiro dia do terceiro mês, isto é, o mês de Sivan. E tudo foi escrito conforme ordenou Mardoqueu, aos judeus e aos sátrapas do rei, aos governadores e aos príncipes das cento e vinte e sete províncias, desde a Índia até à Etiópia, a cada província na sua escrita e a cada povo na sua língua, e aos judeus na sua própria escrita e na sua própria língua. ¹⁰E ele escreveu cartas em nome do rei Assuero, que selou com o sinete real e enviou por meio dos correios... ¹¹Nelas, o rei concedia aos judeus a faculdade de reunir-se em cada cidade, defender as suas vidas, destruir, matar, saquear os bens e aniquilar qualquer pessoa, inclusive crianças e mulheres, de qualquer povo ou província que, armada, os atacasse...

¹⁴E o decreto foi também promulgado em Susa, a capital.

¹⁵Então, Mardoqueu saiu da presença do rei com um traje real de púrpura e linho branco, com uma grande coroa de ouro e um manto de linho fino e púrpura, enquanto a cidade de Susa se alegrava e exultava. ¹⁶Foi para os judeus uma luz, uma alegria, um júbilo, uma honra! ¹⁷E, província após província, cidade após cidade, a cada lugar aonde chegava o decreto do rei e a sua ordem, havia entre os judeus alegria, júbilo e banquetes. Foi um dia de felicidade e muitos povos da terra associaram-se [as antigas versões grega e latina entenderam este verbo como se populações inteiras se tivessem convertido] ao judaísmo, porque tinha caído sobre eles o medo dos judeus. [Continuará]

46.ª Semana Bíblica Nacional dos Capuchinhos

Fátima, 25 a 29 de agosto



Os Franciscanos Capuchinhos em Portugal vão realizar a Semana Bíblica Nacional (SBN) 2024, este ano intitulada 'O Evangelho da Esperança', de 25 a 29 de agosto, no seu Centro Bíblico, em Fátima. O evento conta com a intervenção de frei Herculanu Alves (Capuchinho), frei Armindo Vaz (Carmelita Descalço), frei João Lourenço (Franciscano), D. António Couto (bispo de Lamego), frei Rui Santiago (Redentorista), D. Francisco Senra (arcebispo de Évora), Eugénia Abrantes, D. Américo Aguiar (bispo de Setúbal), entre outros. [🔗](#)

Pastoral da Espiritualidade

Plano de atividades dos Carmelitas Descalços



A Ordem dos Padres Carmelitas Descalços divulgou o calendário de atividades para o ano pastoral de 2024-2025. Das inúmeras atividades mensais, destacamos: XII Congresso de Espiritualidade sobre "Afetividade e Espiritualidade"; Curso de Marianismo Carmelita; *Webinário* sobre a Vida Consagrada; Conversas Carmelitas sobre "a Vocação"; IV Jornadas do Desenvolvimento Humano Integral ao longo da idade e o III Congresso de S. Teresinha do Menino Jesus. Estão programadas jornadas, retiros, peregrinações e outros encontros. Pode consultar todo o programa em www.carmelitas.pt. [🔗](#)

Dar-te-ei a Mestra

IX Congresso Internacional Maria Auxiliadora



De 29 de agosto a 1 de setembro de 2024, realiza-se em Fátima, Portugal, o IX Congresso internacional de Maria Auxiliadora com o objetivo de conhecer, aprofundar e difundir a devoção a Maria Auxiliadora. O tema deste congresso tem como título 'Dar-te-ei a Mestra'. Estes Congressos Internacionais são eventos promovidos pela Associação de Maria Auxiliadora (ADMA) para todos os grupos da Família Salesiana, que encontram em Maria a Mãe e Mestra de todas as vocações", explica a organização. "Nossa Senhora apareceu, frequentemente, nos sonhos de D. Bosco e foi a estrela do seu apostolado. 'Maria Santíssima é minha Mãe' – dizia D. Bosco. Maria valia à Congregação Salesiana, especialmente, quando era preciso um auxílio extraordinário para atender às necessidades dos jovens pobres e abandonados", explica. Mais informações em www.mariaauxiliadora2024.pt. [🔗](#)

COMO UM FOGO EM NOITE ESCURA

Frei João Costa e Frei Francisco Maria Braguês



Por ocasião do 150º aniversário do seu nascimento, os Autores publicaram, mensalmente, um texto no Diário do Minho, da Arquidiocese de Braga. E agora eles aparecem reunidos em livro. A mulher é Santa Teresinha do Menino Jesus. Como é sabido, o difícil é encontrar quem a desconheça, mesmo fora dos círculos católicos. Porém, nada do que aqui se escreve acrescentará muito ao que o leitor já dela sabe. Mas quem abrir e ler, cremo-lo bem, mergulhará, num lago de águas frescas e revigorantes. Águas intemporais e com sabor a Evangelho. Experimente mergulhar. E verá. É muito de louvar que num tempo em que carecemos de figuras maiores, vivendo lado a lado connosco, possamos revisitá-la, ainda que brevemente, a vida e a palavra de uma mulher pequenina, de nome Teresinha, de quem, até os marginais, gostam de ser irmãos.

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

cloustrO

A morte aos olhos da ciência e da Igreja. O que é a morte? O que significa? Como se define? Gustavo Borges, médico de profissão, procura ajudar-nos a pensar sobre esta certeza da vida. [🔗](#)

O louco de Deus. «Todo o processo criativo simula a vida». É com esta certeza que Alexandra Lisboa, professora numa escola artística, nos convida a refletir sobre a busca. Este pano de fundo que é a busca, não é, ainda arte, nem a vida, mas processo. [🔗](#)

Passar à outra margem. «Tal como o Mar da Galileia tinha margens, e a Jesus não lhe bastava apenas uma, antes amava todas, assim também não há estrada sem meta, sem interrogações, sem percalços». Assim começa o artigo de Júlio Pereira, carmelita secular, para aprofundar a passagem bíblica Marcos 4, 35-41. A mensagem de Jesus é um convite contínuo à mudança, a deixarmos de lado as nossas pequenas seguranças e ir para a outra margem. [🔗](#)



Três perguntas e... mais uma

«Este livro é para ser lido pelos que sabem que o final do caminho é o Céu.»

1. Frei Francisco Maria, como nasceu este livro?

Este livro nasceu a partir da iniciativa do *Diário do Minho*, periódico da Arquidiocese de Braga, de dedicar uma página a cada dia 2 de cada mês no ano de 2023, ano jubilar em que comemorámos os 150 anos do nascimento de Santa Teresinha e os 100 anos da sua beatificação. Estando eu no Carmo de Braga, o Frei João Cosa e eu aceitámos com muita alegria escrever um texto todos os meses sobre esta jovem santa carmelita. Não podíamos desperdiçar esta feliz oportunidade de levar Teresinha às páginas de um diário lido por tantas pessoas todos os dias.

Entretanto, as Edições Carmelo decidiram reunir os doze textos nesta obra. Escrevemos uma apresentação para a edição e contamos ainda com o prólogo do padre carmelita Óscar Aparicio Ahedo, atual diretor da Editorial Fonte.

2. Podes explicar-nos o título?

O título, à primeira vista, não nos remete diretamente para Teresinha. Inspira-se numa expressão do Papa Francisco, da sua Carta Apostólica *C'est la confiance*, escrita em 2023 por ocasião do 150º aniversário do nascimento da santa de Lisieux.

Quando o Santo Padre aborda o tema do *pequeno caminho* da confiança e do amor, compara Teresinha a um fogo no meio da noite. De facto, ela é um exemplo de fé e abandono nos momentos mais sombrios, na sua noite escura da fé. Nos tempos que vivemos, de incertezas, medos e inseguranças, pareceu-nos que apresentar Santa Teresinha *como um fogo em noite escura* poderia ser um convite aos leitores para se aproximarem desta carmelita como peregrinos da fé, em busca dessa luz e dessa chama que alumia e aquece os corações.



Frei Francisco Maria Braguês
Carmo da Foz do Douro



COMO UM FOGO EM NOITE ESCURA
(Edições Carmelo, 2024. PVP 4,00€)

“Será uma ótima companhia, para ler na praia ou no campo, nas pausas do dia ou em família.”

3. O livrinho tem dois subtítulos. Quais e porquê?

É verdade: Um grito de mulher e Uma história de amor para contar. Estes dois subtítulos encabeçam as duas partes da obra. O primeiro subtítulo dá o tom aos seis textos do Frei João Costa, que apresentam Santa Teresinha do Menino Jesus como modelo de mulher cristã e carmelita, santa e doutora da Igreja. Em 2021 a Unesco decidiu incluir esta jovem francesa como modelo de mulher de cultura, educação e ciência.

O segundo subtítulo abre os seis textos que escrevi, dedicados a esboçar a história de amor que é a história de vida de Teresinha, uma história de amor inspirou e continua a inspirar os nossos contemporâneos. Santa Teresinha convida-nos a pisar os seus passos para descobrirmos que todos nós somos convidados a contar nos nossos dias a maravilhosa história de amor que Deus quer escrever em nós e connosco.

e... 4. Proprias este livrinho como leitura de verão? A quem?

Propria a todas as pessoas. Este livrinho é para todos, sem exceção, para utilizar o chapão do Papa Francisco. O formato de bolso permite que ele seja um excelente companheiro de viagem. Este Verão, penso que será uma ótima companhia, para ler na praia ou no campo, nas pausas do dia ou em família. Fico sempre contente quando o vejo a ser retirado das carteiras ou a ser levado debaixo do braço. Assim, este livrinho cumpre a sua missão: tornar Teresinha companheira dos nossos passos e das nossas horas, no meio do trabalho ou do repouso, seja em que circunstância for. Que a muitos sirva para abraçar o amor a Teresinha do Menino Jesus e Àquele a quem ela amou e confiou ao longo da sua vida.

“Em Maria, uma aurora de esperança: orar em Maria”

P. Míceál O'Neill, O.Carm. *Prior Geral* e P. Miguel Márquez Calle, O.C.D., *Prepósito Geral*

A Alegria do Magnificat

Com a alegria do Magnificat de Maria, saudamo-vos, estimados irmãos e irmãs no Carmelo (OCarm e OCD): Paz e Esperança!

Unidos na Oração

Partilhamos convosco que os dois gerais, Míceál O'Neill, OCarm, e Miguel Márquez, OCD, temos rezado, conversado e partilhado, com Maria no meio de nós, neste momento da nossa história, como família na Igreja, pedindo-Lhe a Ela, *Flos Carmeli*, que continue a cobrir-nos com o seu manto, a cuidar-nos com o seu olhar e a conduzir-nos pela mão, como seus irmãos que somos, para começar de novo, hoje, a aventura que começou no Monte Carmelo, à sombra daquela «nuvenzinha», promessa inquebrantável de fecundidade.

Maria e o Ano da Oração

Celebramos a solenidade de Nossa Senhora do Carmo de 2024, coincidindo com o Ano de Oração anunciado pelo Papa Francisco, como tempo de preparação para a celebração do Jubileu, em 2025. Como Superiores Gerais de ambas as tradições do Carmelo, pensámos que esta seria uma boa oportunidade para dirigir-vos uma carta em conjunto, de acordo com a tradição que existe desde 1998, em que os dois Gerais escreveram uma mensagem a toda a família carmelita. Fazemo-lo com o desejo de recordar e reviver as grandes tradições do Carmelo relativamente à oração e a Nossa Senhora do Monte Carmelo. Mais do que pretender oferecer uma grande declaração de verdades teológicas, gostaríamos que esta fosse uma partilha da nossa experiência pessoal e carismática sobre a nossa herança, profundamente marcada pela ORAÇÃO e amor a Maria, Mãe de Deus, no meio de vós, irmãos e irmãs da nossa família.

Uma experiência confirmada

Há uma convicção firmemente enraizada na nossa história: a proximidade e intimidade com Maria foram sempre, na nossa família carmelita, uma fonte de renovação, de fecundidade e de abertura de caminhos na noite e na crise. Maria tem sido, inequivocamente, «Stella Maris» nas águas incertas de cada tempo. E a nossa confiança no seu cuidado para connosco está mais viva do que nunca.

No seio de Maria

O Carmelo nasceu no seio de Maria, da fonte inesgotável da sua maternidade divina, com a força e a beleza do Espírito Santo. Formados e modelados à imagem de Jesus, filhos e filhas no Filho. Sentimos que neste contante ser gerado e dado à luz em Maria, a vocação dos e das carmelitas torna-se cada dia mais autêntica.



Ela meditava todas estas coisas no seu coração.

Como Maria, ser carmelitas significa ser configurados pela escuta da Palavra. Inspiramo-nos na Regra Carmelita, que nos exorta a fazer tudo segundo a Palavra de Deus (19). Recordemos também Santa Teresinha do Menino Jesus, cujo amor à Virgem se inspirava em Maria tal como a encontrou nos Evangelhos (Poema “Porque te amo, Maria”). Os Evangelhos apresentam Maria como alguém que meditava todas estas coisas no seu coração, como alguém que envolvia tudo na oração, cuja oração era uma resposta permanente à Palavra de Deus na sua vida, e cuja oração mostrava a dignidade da pessoa humana, criada por Deus, habitada pela Presença divina e capaz de conhecer o amor de Deus na sua vida.

Virgem da Contemplação: peregrina e servidora

Desde os primórdios da tradição carmelita, o ícone de Maria na Visitação a caminho com Jesus no seu seio foi entendido como o melhor modelo de contemplação. Síntese perfeita de ação e contemplação, Marta e Maria unidas: “Acreditai quando vos digo que Marta e Maria hão-de andar juntas para hospedar o Senhor, e tê-Lo sempre consigo, e não Lhe dar má hospedagem, não Lhe dando de comer” (Teresa de Jesus, 7Moradas 4,12. Cf. Maria Madalena de Pazzi, Probationes 2, 176-178). Maria partiu apressadamente (*meta spoudes*), isto é, com o coração desperto e amor ardente, em direção à região montanhosa para visitar a sua prima Isabel. Maria recebeu do Anjo a notícia acerca da sua prima. Há uma distância a percorrer entre a sua casa em Nazaré e a região montanhosa, hoje identificada como Ain Karim, não muito longe de Jerusalém. Em Maria, a oração torna-se aceitação, disponibilidade, caminho e serviço. Antes, foi graça inesperada, anúncio de salvação, através do Anjo, a oração é o amor

gratuito recebido e acolhido, transbordante, o primeiro amor, a raiz que fundamenta o nosso existir e caminhar. Esta graça é explicitada em quatro palavras: alegre-te, não tenhas medo, o Espírito Santo virá sobre ti e a Deus nada é impossível. Deus infunde em Maria a sua própria beleza, feita carne, e reveste-nos com o seu Espírito dinâmico e salvífico. Podemos identificar este “hábito” de graça que Deus dá a Maria na Anunciação como o escapulário vivo do carmelita, veste e transfusão de Maria.

De facto, rezar a Ave Maria é entrar nesta experiência da Encarnação, é ser Maria que acolhe a Palavra, a graça e a Presença divina feita carne. Cada vez que rezamos a Ave Maria, acontece em nós este milagre de graça e de aliança no coração de Maria, no nosso coração. Rezar a Ave Maria é, antes de mais, abrimo-nos a uma inquestionável declaração de amor de Deus a Maria e a cada um de nós, que espera um sim da nossa parte a este amor de Deus, sem nos defendermos nem arranjarmos desculpas, sem colocarmos a nossa indignidade como barreira, porque é presente e dádiva de Deus, e os dons recebem-se com alegria e simplicidade. Como Maria, à luz da definição teresiana de oração, “sabemos que Ele nos ama”, pois “outra coisa não é, a meu ver, oração mental, senão tratar de amizade, estando muitas vezes tratando a sós com Quem sabemos que nos ama” (Vida 8,5). E a consciência desta experiência é a raiz e o fundamento da oração. Somos, como Maria, plenamente agraciados.

Maria chega, e a alegria de Isabel não tem limites. Mas esta não é uma visita qualquer. Isabel também tinha lido a história e, naquele momento, estava a ver o cumprimento da promessa. A criança no seu ventre saltou de alegria, tal como a criança no ventre de Maria. Se Isabel louvou Maria por ter acreditado, Maria podia fazer o mesmo a Isabel. Não estavam a evangelizar-se mutuamente, mas antes a confirmar a verdade do Evangelho na forma como cada uma delas o tinha recebido. Maria prossegue, em linguagem poética, para se regozijar nessa verdade. Grande parte da nossa oração e do nosso contacto com os outros resume-se a isto: uma confirmação do que recebemos e um desejo de viver e falar de tal forma que os outros conheçam a verdade do que Deus revela àqueles que estão abertos à sua Palavra. São Tito Brandsma expressou-o assim: este deve ser o objetivo da nossa devoção a Maria, que sejamos outra Mãe de Deus, que Deus também seja concebido em nós e gerado por nós para o mundo (Beleza do Carmelo, 66).

Magnificat, o carisma carmelita

A oração carmelita é tecida de humildade (terra disponível e verdadeira), gratidão, música que celebra a maravilha de

Deus na história humana e se torna um novo êxodo de libertação, serviço e doação gratuita. A riqueza do cântico de Maria resume a história da salvação e concentra o melhor da espiritualidade carmelita. Só é possível cantar o Magnificat no encontro sincero e na comunhão que reconhece no outro, nos nossos verdadeiros irmãos e irmãs, a presença do Salvador. A oração confirma-se no encontro e no respeito pela dignidade de cada irmão onde Deus habita.

O Carmelo é convidado hoje a não ficar na lamentação e no negativismo, mas a discernir os rebentos de vida que, escondidos aos sábios e prudentes, já estão a brotar no seio dos pobres e simples que confiam na promessa de Deus. Uma aurora de esperança se levanta, mais poderosa do que todas as armas, sob a terra ferida e maltratada dos nossos dias.

O discípulo recebeu-a em sua casa

Que fazia Maria aos pés da cruz? Perguntamo-nos que tipo de dor terá sentido. Como mãe, vendo o seu Filho em agonia, vítima inocente da injustiça e da superficialidade do sistema político e religioso da época, ela permaneceu em silêncio, porque sabia que não era o fim. Ela orou, unindo o coração e a mente a Deus que estava no seu interior. Certamente, agora mais do que nunca, Maria meditava estas coisas no seu coração. Ela, mais do que qualquer outra pessoa, podia compreender que o que estava a acontecer era um grande ato de amor. Assim como o seu Filho estava suspenso e moribundo na cruz, o amor que não lhe permitiu voltar atrás estende-se agora pelo mundo e continuou a fazê-lo durante todos estes séculos. Quando pensamos no amor de Jesus e de Maria, pensamos no amor que implica uma entrega total de si mesmo.

Depois acontece o que Maria não esperava. Ela ouve dos lábios a sangrar do seu Filho estas palavras: “Mulher, eis o teu Filho”, enquanto diz ao discípulo amado: “Filho, eis a tua mãe”. A mãe permanece a mesma, o filho muda. Tudo o que o Filho era para ela está agora no discípulo. A relação pode mudar, mas o amor continua a ser a melhor de todas as relações, as pessoas cuidam-se mutuamente como as mães e os filhos vivem uns para os outros.

O que realmente é o essencial da oração acontece ali, na cruz e aos pés da cruz. Comunhão na dor que abre a história de todos os crucificados ao projeto de salvação. Jesus, no maior desamparo, realiza a maior obra de salvação, como observa S. João da Cruz: «sentiu necessidade de clamar: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mt 27, 46). Este foi o maior desamparo sensitivo que experimentou durante a sua vida. Mas, foi também nele que realizou a maior obra da sua vida, maior do que as

”
A renovação da nossa oração virá da nossa vontade e decisão de rezar, da nossa capacidade de colocar a oração no centro das nossas vidas.

obras e milagres que tinha feito no céu e na terra, que foi reconciliar e unir pela graça o género humano com Deus» (2 Subida 7,11).

A eficácia da oração manifesta-se misteriosamente em dar a vida, no amor até ao extremo. Maria, oração que se faz presença na hora mais terrível, é mãe em todas as mães que acompanham e cuidam da vida e a beijam e a entregam ao Pai, mesmo quando está quebrada e maltratada. Para uma vida nova. Toda a dor do mundo e da história torna-se oração e grito em Jesus e Maria, nada fica de fora da verdadeira oração. Nunca é fuga ou desinteresse. A oração nunca é misticismo autorreferencial ou cómodo, egocêntrico e surdo ao grito e ao gemido de cada ser humano.

Na hora mais difícil, a herança de Jesus, o melhor presente: a sua Mãe. O discípulo recebe-a em sua casa (*eis ta idia*), isto é, no mais íntimo do seu ser, como a realidade mais preciosa, não só na sua casa, mas na sua morada interior. Esta intimidade é o tesouro do cristão e do carmelita. Queremos encorajar-vos e despertar-vos para esta intimidade renovada com Maria todos os dias, como fonte de luz perene.

Perseveraram na oração com Maria

O Senhor ressuscitou, visitou um número escolhido de discípulos, subiu ao céu, deixando os seus discípulos com a promessa de que, quando subisse ao Pai, enviaria o Espírito Santo. Os discípulos esperavam o cumprimento da promessa. Maria estava no meio deles, à espera. Sabemos que a nossa espiritualidade é uma espiritualidade da espera. Conhecemos tanto do amor de Deus e agora esperamos até que Ele volte e Cristo seja tudo em todos. A nossa Regra termina com a ideia de que façamos tudo o que nela é pedido e, se fizermos mais, o Senhor recompensar-nos-á quando vier. O que pudermos fazer a mais, é promovido e dado pelo Espírito Santo. Ora, quando Maria pergunta: “Como é possível?”, a resposta é-lhe dada: “O Espírito Santo virá sobre ti”, e “nada é impossível a Deus”. Tudo o que Maria guardava no seu coração torna-se agora luz e realização, torna-se Igreja e família em caminho.

O ícone de Maria com os discípulos à espera do Pentecostes exprime a beleza da comunidade e abre, no coração da oração, a uma graça de comunhão na diversidade. No Pentecostes, aprende-se uma linguagem comum, na riqueza das diferentes línguas e raças. Esta comunhão e família na abertura ao Espírito abre a comunidade dos irmãos e irmãs de Maria a um futuro inesperado, a um sentido e a um caminho que rompe as muralhas do medo, do pecado e do sofrimento. Convidamo-vos a intensificar esta súplica ao Espírito com Maria em comunidade para que nasça o Carmelo que ela quer oferecer ao seu Filho.

Conclusões

1) A sinfonia da oração

O facto de rezarmos de diferentes maneiras, com diferentes tons de voz e em diferentes momentos, em todo o mundo, permite-nos apreciar a imagem do Papa Francisco de uma sinfonia de oração envolvendo todo o mundo. Pessoas, carmelitas rezando... a

sua oração é uma bênção para eles e para todos, sem excluir ninguém. A nossa oração convida-nos a unir-mo-nos em coro com esta grande sinfonia. Em Maria, Elias, Teresa de Jesus, Maria Madalena de Pazzi, João da Cruz, Tito Brandsma e todos os nossos santos carmelitas, reconhecemos um fio condutor da oração como relação, como amizade e comunicação com Deus, em muitas línguas e de diferentes formas.

2) A dignidade da pessoa que reza

Reconhecemos a alta dignidade da pessoa que reza quando tomamos Maria como modelo. O melhor conceito que temos da dignidade da pessoa humana é a que deriva do facto de ela ter sido criada à imagem e semelhança de Deus. É a oração que torna esta imagem numa relação ativa com Deus, numa aliança viva e verdadeira, dando assim plena expressão à dignidade da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus e em contínua e amigável comunicação com Ele. É esta dignidade que vemos, em primeiro lugar, em Maria. Ela estava atenta à Palavra de Deus, confiava plenamente em Deus, testemunhava às pessoas que a rodeavam e transmitiu às gerações futuras o que significa experimentar a proximidade da presença de Deus. O Senhor está contigo. Tu és a cheia de graça. Depois de Maria, vemos como a tradição carmelita se tornou uma escola de oração, ajudando todos os homens e mulheres a descobrir a sua verdadeira dignidade de pessoas, onde o Espírito habita e reza com gemidos inefáveis, como presença de Deus e beleza do Castelo Interior (cf. Santa Teresa, Livro das Moradas, prólogo).

3) A renovação da oração entre os carmelitas

Gostaríamos que este momento fosse para todos nós um tempo de renovação da nossa oração. Renovação da nossa vida de oração e da nossa experiência de Deus. Vivemos com a sensação de que, apesar de falarmos muito da tradição carmelita da oração, a nossa prática diária de oração nem sempre reflete as bonitas verdades que pregamos. O que precisamos de fazer? Olhar para a oração como um elemento constante da nossa vida, uma presença, uma conversa contínua, amigável, íntima e simples, uma consciência da presença de Deus em todos os momentos, pela oração silenciosa, pela oração pessoal, comunitária ou litúrgica, pela oração nos momentos especiais em que lemos e rezamos as Escrituras, pela oração quando nos juntamos à volta da mesa ou noutras ocasiões em que estamos reunidos e damos graças a Deus.

A renovação da nossa oração virá da nossa vontade e decisão de rezar, da nossa capacidade de colocar a oração no centro das nossas vidas. Isto significa reconhecer que, por vezes, podemos estar tão ocupados, tão dispersos com tantas coisas boas, que até parece não termos tempo para rezar, para pensar em Deus, para abrandar, parar e simplesmente ser, para pensar no que estamos a fazer à luz da vontade de Deus. Quanto é importante juntarmo-nos para a oração litúrgica, para a oração comunitária ou para outra forma simples de oração, com dois ou três reunidos em casa, no trabalho, no meio das alegrias e dificuldades.

Desafios e esperanças:

1. Um caminho inesperado de realismo e de esperança: Maria abre ao Carmelo a um caminho inesperado. Não aquele que imaginamos. Estamos convencidos de que Maria traz em si a novidade do Carmelo que está prestes a nascer, que já está a ser gerada na sua maternidade no coração de cada um de nós se aceitarmos este salto da fé, este desafio de acreditar no anúncio do Anjo em cada um de nós. Convidamo-vos a todos, irmãos e irmãs carmelitas, onde quer que estejais e em qualquer circunstância que vivais agora, cheios de vitalidade ou na doença, em caminho ou num momento de dificuldade ou de crise, de força ou de fraqueza, de alegria ou de tentação, a abrir-vos sem demora, com humildade, à graça deste momento, colocando nas mãos de Maria este nascimento de Deus na nossa terra.
2. Cantar o Magnificat. Exortamo-vos a fazer deste momento da história um Magnificat, sendo testemunhas da fecundidade do Espírito mesmo na dificuldade e na noite, nas guerras e nas perseguições, a

educar os nossos olhos e o nosso coração para que, à imitação daquela pequena nuvem do Carmelo, acreditemos firmemente que este tempo de aparente seca trará a chuva abundante que Deus nos quer dar. Sede homens e mulheres de fé corajosa, positiva, realista e cheia de esperança.

3. Como no dia de Pentecostes, hoje o Espírito chama-nos a rezar na comunhão e na diversidade, que funda a comunidade e a Igreja juntamente com ela, nossa mãe e nossa irmã. Num mundo ameaçado pela divisão e pelo confronto, pelo descarte e pela exclusão, Maria, Mãe e Irmã, recorda-nos a oração sacerdotal: “que todos sejamos um” para que o mundo acredite. Semeadores de comunhão com Maria.

Enviamo-vos em Maria e por Maria, neste dia, o nosso abraço, proximidade e bênção, a toda a grande família carmelita: OCarm - OCD.

Uma feliz solenidade da Virgem do Carmo!
16 de julho de 2024

Programa de Turismo Religioso



Acompanhados pelo
Padre João Rego
Carmelita Descalço

Peregrinação aos Lugares de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz

19 a 22 de Setembro
de 2024



Curso de Marianismo Carmelita

Escola de Maria



A Escola de Maria, iniciativa dos padres Carmelitas Descalços, continua a fazer o seu caminho e oferecer oportunidades para percorrer os caminhos do Espírito, tomando a Mãe de Jesus por mestra e mistagoga.

Já foram apresentadas três edições da Escola de Oração, uma edição do Itinerário Mariano e Eucarístico e agora será apresentado um *Curso de Marianismo Carmelita*. Este curso mergulha nas fontes da especial relação dos Carmelitas com a Mãe de Jesus, através dos séculos. São muitas as riquezas e tesouros que a organização pretende dar a conhecer. O contacto e conhecimento do marianismo dos autores e santos do Carmelo vão ajudar a crescer na vida de oração e seguimento de Jesus.

Este curso decorrerá ao longo do ano pastoral 2024-2025, com 24 horas de aulas, em 4 módulos, durante 4 fins de semana.

O programa será o seguinte:

1.º Módulo:

As origens da espiritualidade mariana

10 a 12 de novembro de 2024

1. Maria sai ao encontro dos buscadores de Jesus
2. Os mais belos louvores a Maria
3. Pensar o lugar de Maria na nossa vida
4. Além de Mãe, Irmã: Arnaldo Bóstio (1445-1499)
5. Textos e outros tesouros espirituais marianos
6. O Escapulário como sinal de aliança com Maria

2.º Módulo:

Com Maria a vida renasce

17 a 19 de janeiro de 2025

7. Uma Igreja em reforma
8. Comunidades à imagem da Casa de Nazaré: S. Teresa de Jesus (1515-1582)

9. Maria modelo de união com Deus: S. João da Cruz (1542-1591)
10. A Virgem Maria fonte de vida espiritual: S. Maria Madalena de Pazzi (1566-1607)
11. Textos e outros tesouros espirituais marianos
12. Viver em Maria: Miguel de Sto Agostinho (1621-1684) e Teresa Petyt (1623-1677)

3.º Módulo:

A Virgem Maria no itinerário cristão

28 a 30 de março de 2025

13. Olhar para Maria e ver a Igreja: B. Francisco Palau (1811-1872)
14. Por Maria a Jesus: Santa Teresa do Menino Jesus (1873-1897);
15. Um louvor de glória à Trindade com Maria: S. Isabel da Trindade (1880-1906);
16. Portadores de Deus como Maria: S. Tito Brandsma (1881-1942)
17. Textos e outros tesouros espirituais marianos
18. Tocado pela beleza de Maria: Ven. Padre Marcelo da Virgem do Carmo (1887-1966)

4.º Módulo:

Dar a vida como Maria

16 a 18 de maio de 2025

19. Aos pés da Cruz como Maria: S. Edith Stein (1891-1942)
20. A vida que renasce com Maria: B. Eugénio Maria (1894-1967)
21. Uma vida sob o olhar de Maria: Ir. Lúcia de Jesus (1907-2005)
22. Mensageira de Maria: Ir. Lúcia de Jesus (1907-2005)
23. Textos e outros tesouros espirituais marianos
24. Síntese do marianismo carmelita

Inscrições e informações em www.escoladeoracao.pt



Irmã Lúcia de Jesus, um caminho de luz

P. Miguel Márquez Calle, O.C.D., *Prepósito Geral*



Meus queridos irmãos e irmãs no Carmelo Teresiano: Paz e esperança!

O Carmelo é todo mariano. Desde o início da Ordem, a vida de oração, tão característica da nossa identidade, esteve intimamente unida à vida mariana. Ao longo da nossa história, tantos carmelitas insignes viveram uma especial relação com a Virgem Maria, enriquecendo com a sua experiência mariana o nosso carisma carmelita! No passado dia 22 de junho de 2023, o Papa Francisco alegrou o Carmelo e a Igreja com a publicação do decreto sobre as virtudes heroicas da Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado. Que experiência mariana viveu esta nossa irmã? Como enriquece, com a sua vida mariana, o nosso carisma carmelita?

Neste dia da Solenidade da Bem Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo quero partilhar com toda a Ordem uns breves traços da biografia, itinerário espiritual e missão desta nossa Irmã.

1. Síntese biográfica

Lúcia de Jesus nasceu em Aljustrel (Fátima, Portugal) a 28 de março de 1907, Quinta-Feira Santa, foi batizada a 30 de março de 1907 e fez a sua primeira comunhão aos 6 anos. Em 1916, com os seus primos, os santos Francisco e Jacinta Marto, teve, por três vezes, as Aparições do Anjo da Paz e, nos dias 13, de maio a outubro (à exceção de agosto) de 1917, as Aparições da Virgem do Rosário. Depois da morte dos primos, tornou-se a única guardiã da Mensagem de Fátima, tendo Nossa Senhora «como refúgio e caminho para Deus».

Entrou no Instituto de Santa Doroteia, em Espanha, a 24 de outubro de 1925. Em Pontevedra, a 10 de dezembro

seguinte, teve a Aparição de Nossa Senhora e do Menino Jesus, na qual lhe foi pedida a Devoção dos Primeiros Sábados. Em Tuy, a 13 de junho de 1929, teve a Aparição de Nossa Senhora e da Santíssima Trindade, na qual lhe foi transmitido o pedido da Consagração da Rússia ao Coração Imaculado de Maria. Fez a Profissão Perpétua, a 3 de outubro de 1934, e permaneceu em Espanha durante o período da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial. Entre 1935 e 1941, por ordem do Bispo de Leiria, escreveu as suas *Memórias* sobre os primos e as Aparições e, a 3 de janeiro de 1944, escreveu a terceira parte do Segredo de Fátima e iniciou também, por obediência, nessa mesma época, a escrita do Diário, *O Meu Caminho*. Com o desejo de um maior recolhimento e silêncio, e porque sempre sentiu ser esta a sua vocação, a 25 de março de 1948, Quinta-feira Santa, entrou na Ordem das Carmelitas Descalças, no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, tomando o nome de “Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado”. Recebeu o hábito carmelita a 13 de maio de 1948 e fez a Profissão Solene a 31 de maio de 1949.

Na vida da Lúcia e no contexto das Aparições, das quais foi testemunha e profeta, percebe-se uma tangível relação entre elementos associados ao Carmelo e ao acontecimento de Fátima. Desde logo, na aparição de 13 de outubro de 1917, Lúcia identificou a figura de Nossa Senhora do Carmo, que num interrogatório à data, descreve como uma Senhora que «tinha umas coisas na mão»¹. Aliás, esta seria, com certeza, uma imagem que bem conhecia, pois fazia parte da iconografia presente na sua Igreja Paroquial, estando localizada mesmo ao lado esquerdo do «altar da Senhora do Rosário»², que lhe havia sorrido na sua Primeira Comunhão. Além disso, relativamente à Sétima Aparição

¹ *Documentação Crítica de Fátima, Vol I: Interrogatórios aos videntes: 1917*. Fátima: Santuário de Fátima, 1992, p. 127-128.

² Cf. *Documentação Crítica de Fátima, Vol I*, p. 414.



que teve em 1921, ao deixar Fátima em direção ao Porto, Lúcia afirma: «Recordei a minha querida Nossa Senhora do Carmo e nesse momento senti a graça da vocação à vida religiosa e o atrativo pelo Claustro do Carmelo. Tomei por protetora a minha querida Soror Teresinha do Menino Jesus»³, cuja devoção já havia chegado a Fátima, por essa época. A sua vocação ao Carmelo fica estabelecida neste momento, apesar de só vir a concretizá-la em 1948, como já referido.

O percurso espiritual de Lúcia de Jesus, enquanto Carmelita Descalça, à semelhança da sua biografia, mostra-se variado, longo e rico, com os sinais indeléveis da experiência da sua infância, fortemente marcada pelo sobrenatural, e enraíza perfeitamente na melhor tradição do Carmelo e da espiritualidade dos seus Santos e Doutores. Podemos mesmo afirmar que o seu percurso traz uma nova frescura e profundidade a este carisma, de modo particular, na vivência da sua relação com a Virgem Maria e a Eucaristia.

2. Traços distintivos da sua espiritualidade

2.1. Devoção ao Coração Imaculado de Maria

2.1.1. Mistagoga no seu percurso espiritual

Perpassando todo o arco da sua vida, é evidente a condução sábia e discreta da Virgem Maria como verdadeira mestra e mistagoga do seu caminho de união com Deus-Trindade, em Jesus-Eucaristia. Através da oração quotidiana do Rosário a Virgem Maria foi conduzindo Lúcia, pela contemplação dos mistérios de Cristo, até à configuração com Ele, na docilidade ao Espírito Santo.

A Virgem Maria é um dos segredos mais ternos do seu percurso de santidade, tal como escreve no seu Diário: «O meu Imaculado Coração, será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus». Aqui está: a vida da minha alma, a força do meu coração, e a alegria do meu peregrinar sobre a terra»⁴.

2.1.2. Da relação “exterior” até viver no interior do Seu Coração

Esta é uma relação que se aprofunda ao longo do tempo e num crescente processo de interiorização. O Coração Imaculado de Maria foi o seu caminho e o seu refúgio, tal como a Virgem Maria lhe prometera na Segunda Aparição, até se tornar progressivamente a sua morada, na etapa da união transformante. Até à entrada no Carmelo, Lúcia estabelece com a Virgem Maria uma relação principalmente exterior, mediada pelas suas imagens, diante das quais rezava. Após a entrada no Carmelo, dá-se, progressivamente, por meio de um caminho de purificação, que a

torna sempre mais pequena e abandonada, uma interiorização em Maria, até chegar a viver dentro do Seu Coração Imaculado sem nunca mais dele sair.

2.1.3. Mulher “marieforme”

A sua existência torna-se, progressivamente, uma existência “marieforme”, isto é, uma mulher que se assemelha cada vez mais à Virgem Maria, a Virgem pobre e humilde dos Evangelhos, sem qualquer protagonismo, totalmente fiel a Deus e sempre obediente à Sua vontade, expressa na vontade dos seus Superiores. A sua vida em comunidade, totalmente escondida, foi «uma vida normal – uma entre as demais –, pondo em prática o lema “Por fora como todas; por dentro como nenhuma!”»⁵. Com o coração todo centrado em Cristo e um grande amor à Igreja e aos dramas da humanidade, rezava e oferecia-se incessantemente, sem desfalecimentos, convencida de que esta era a forma de ser fiel à sua vocação no Carmelo: «Esta é a minha Missão, o apostolado pela oração, pelo sacrifício e pelo amor»⁶. O seu funeral, com a manifestação dos lenços brancos e os cânticos a Nossa Senhora de Fátima, foi o culminar e a assinatura do povo simples de Deus a esta existência toda transformada em Maria⁷.

2.2. Eucaristia

A relação de Lúcia com Jesus-Eucaristia é também uma das características essenciais do seu itinerário espiritual, que se aprofundou ao longo do tempo, num movimento de interiorização, e do qual podemos distinguir, algumas etapas.

2.2.1 A graça da Primeira Comunhão

A 30 de maio de 1913, Lúcia recebe a sua primeira Comunhão, registando-a nas suas *Memórias*, da seguinte forma: «Logo que pousou em meus lábios a Hóstia Divina, senti uma serenidade e uma paz inalterável [...]. Aqui, pareceu-me que o nosso bom Deus me disse, no fundo do meu coração, estas distintas palavras: “A graça que hoje te é concedida permanecerá viva em tua alma, produzindo frutos de vida eterna”. Sentia-me de tal forma transformada em Deus!»⁸.

Posteriormente, numa nota do seu Diário de 13 de janeiro de 1944, ao fazer memória deste acontecimento, Lúcia refere que teria sentido estas mesmas palavras no fundo da sua alma, na hora em que fazia a sua consagração a Nossa Senhora, na véspera da primeira Comunhão: «Vi o Teu sorriso ó Mãe! – Escutei o Teu Sim! E ouvi o som da Tua Voz: “Minha filha, a graça que hoje te é concedida, permanecerá para sempre viva em teu peito, produzindo frutos de vida eterna”. Não foi uma aparição, foi uma presença. Estas palavras gravaram-se tão indelevelmente

³ Lúcia de Jesus – *O Meu Caminho*, vol. I, p. 12 apud Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria. Biografia da Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado O.C.D.*. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2013, p. 122.

⁴ Lúcia de Jesus – *O Meu Caminho*, vol. XXIII [13 de julho de 1998].

⁵ Irmã Maria Celina de Jesus Crucificado – *Irmã Lúcia – a memória que dela temos*. 4ª ed. Coimbra-Fátima: Carmelo de Coimbra-Fundação Francisco e Jacinta Marto, 2016, p. 17.

⁶ Lúcia de Jesus – Carta a D. Ernesto Sena de Oliveira, de 29 de abril de 1952 apud Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 397.

⁷ Cf. P. Luigi Gaetani, ocd – *Irmã Lúcia Carmelita Descalça. No coração da Igreja e do mundo*. Revista da Província Portuguesa, Ordem dos Padres Carmelitas Descalços, no 133 (março-abril). Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2005, p. 8-11.

⁸ Lúcia de Jesus – *Memórias da Irmã Lúcia I. Segunda Memória*. 17ª ed. Fátima: Fundação Francisco e Jacinta Marto, 2015, p. 72.



na minha alma, que ainda hoje são o laço da minha união com Deus»⁹.

Foi, portanto, uma graça eucarística e mariana, de tal modo marcante, que é com a recordação da sua Primeira Comunhão que Lúcia inicia o seu Diário: «O sorriso da minha Primeira Comunhão»¹⁰. Parece ficar estabelecida na graça sacramental da sua Primeira Comunhão, a primeira pedra do edifício espiritual que o Senhor queria edificar.

2.2.2. A Aparição de 13 de maio de 1917.

Depois da Virgem Maria perguntar se se queriam oferecer a Deus, Lúcia – com os primos – dá generosamente o seu *sim*, que será continuamente renovado até ao final da sua vida. É um refrão contínuo nos seus escritos: «Renovo, uma vez mais, o meu sim de 13 de maio de 1917». Quando a Virgem Maria lhes comunica, pela primeira vez, esse reflexo da luz imensa que é Deus, leva-os, por um impulso íntimo, a cair de joelhos e a rezar intimamente: «Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento»¹¹. Toda a sua vida é um desenvolvimento deste dia 13 de maio de 1917.

2.2.3. A graça de 6 de abril de 1951 até à União transformante: «Sou o seu Sacrário Vivo».

O Decreto sobre as suas virtudes heroicas refere que Lúcia, «dócil ao Espírito Santo, percorreu o caminho até à união transformante com Jesus-Eucaristia, o Esposo da sua vida»¹². Até à entrada no Carmelo, toda a sua relação com Jesus-Eucaristia se estabelecia com Ele presente no

Sacrário da capela, nos momentos de adoração eucarística. A partir desta data, ainda que continuando a cultivar a atitude de adoração focada no “Sacrário exterior”, a sua atenção, volta-se agora de forma nova para dentro de si, numa interiorização da graça do Sacramento, como que a experiência de uma inabitação centrada na Eucaristia. Assim o descreve no seu Diário: «Primeira Sexta-feira, faço retiro do mês, sinto a presença de Deus. Sinto que sou o Seu Sacrário vivo onde Ele mora com misericórdia Infinita, Trino em Pessoas. Ele possui-me e eu Sou d’Ele, repito-lhe no íntimo da minha alma: “Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro! Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento”. E sinto o eco dessas palavras longínquas: “A graça que hoje te é concedida, permanecerá sempre viva em teu peito, produzindo frutos de vida eterna”»¹³.

A partir deste momento, nota-se em Lúcia uma consciência sempre crescente da inabitação de Deus-Trindade na sua alma, unida à presença eucarística. Neste processo, chega a viver, na última etapa do seu percurso interior, uma verdadeira transformação eucarística, percebendo-se a si mesma como uma “hóstia de amor”. A novidade do seu caminho é o facto de esta experiência da inabitação de Deus-Trindade na alma estar em relação com a Eucaristia.

Para expressar esta graça de 1951, Lúcia vai às experiências fundantes da sua infância – a graça da primeira Comunhão e a experiência da primeira Aparição, a 13 de maio de 1917.

Numa nota do seu Diário de 1985, já na sua plena maturidade espiritual, atingida pelos anos 80, escreve: «Santíssima Trindade Pai, Filho, Espírito Santo... Ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue e alma de Jesus

⁹ Lúcia de Jesus – *O Meu Caminho*, vol. I, p. 1 [13 de janeiro de 1944] apud Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 29.

¹⁰ Lúcia de Jesus – *O Meu Caminho*, vol. I, p. 10 apud Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 121.

¹¹ Lúcia de Jesus – *Memórias da Irmã Lúcia I. Quarta Memória*, p. 174.

¹² Dicastério para as Causas dos Santos – *Decreto sobre as virtudes heroicas da Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado* [22 de junho de 2023]. https://www.fatima.pt/files/upload/documentos_do_magisterio/20023-06-22decretosobreasvirtudesheroicasdairmãluciadejesusedoimaculadocoracao.pdf

¹³ Lúcia de Jesus – *O Meu Caminho*, vol. I, p. 321-322 [6 de abril de 1951] apud Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 395.

Cristo, presente em todos os Sacrários da terra.” Sacrários de madeira, Sacrários de mármore, Sacrário de bronze, de prata, de ouro, não sei, Sacrários vivos de carne, esses como o meu tão pobre onde Tu habitas, onde moras, onde vives comunicando-me a Tua própria Vida, vida de graça, vida de perdão, vida de poder, vida de ser em Ti perdida, escondida, luz, que se funde em outra Luz de Quem recebe o brilho do seu Ser. Só quero assim em Ti e para Ti viver!»¹⁴.

E, ainda, no livro *Como vejo a Mensagem*, um escrito da década de 90, é perceptível esta mesma experiência de ser um sacrário vivo para Jesus-Eucaristia e n'Ele ser transformada em hóstia de amor:

«Hóstia pequenina quero ser contigo,
faz de mim para Ti, o Teu sacrário vivo.
Que aí possas morar, como essa fornalha ardente,
que o Teu amor presente, não deixa apagar.
Aí hás-de ficar, chama bem quente,
que Teu amor sustente, com a luz do Teu olhar»¹⁵.

2.3. Obediência

A obediência é uma das virtudes heroicas da sua vida, presente desde a Sétima Aparição: «“Aqui estou pela sétima vez, vai, segue o caminho por onde o Senhor Bispo te quiser levar, essa é a vontade de Deus.” Repeti então o meu Sim, agora bem mais consciente do que no dia 13 de maio de 1917. [...] Dias depois, por conselho do Sr. Bispo, tomei por norma a Obediência e por lema as palavras de Nossa Senhora narradas no Evangelho – Fazei tudo o que Ele vos disser»¹⁶.

Uma leitura global dos seus escritos permite perceber que, até ao fim da sua vida, esta virtude é uma constante do seu caminho, radicalizando sempre mais nela o dom de si, notando-se ao longo do seu itinerário uma forma sempre mais teologal de a viver. Como consequência da sua missão na difusão da mensagem de Fátima teve que se relacionar com vários Papas, diversas instâncias do Vaticano, com o Núncio Apostólico, os Bispos e, sendo religiosa carmelita, com os Padres Gerais da Ordem, os Provinciais e as Prioras. A vivência desta virtude, na relação com cada uma destas mediações, foi-a configurando cada vez mais com Cristo que “obedeceu até à morte e morte de Cruz” (Fil 2, 8), constituindo todas estas relações uma parte significativa da sua noite escura do espírito.

No dia da sua morte, a 13 de fevereiro de 2005, o último gesto da sua vida foi a leitura do fax que o Papa João Paulo II lhe enviara. Esse documento nas suas mãos é todo um símbolo de uma vida em plena comunhão com a Igreja e totalmente obediente a ela. Tal como Santa Teresa de Jesus, Lúcia morre como verdadeira filha da Igreja.

2.4. Unidade

Um outro tema que a missão de Lúcia abarca é o tema da Unidade. Leva a unidade gravada no seu coração e esta

é sempre uma das grandes intenções da sua oração. Para ela, não estar em comunhão com o Papa e a Igreja, é não estar em comunhão com Cristo. Preocupa-a constantemente a unidade da Igreja, a unidade na Ordem, a unidade na Comunidade.

Sempre procurou, como testemunho de autenticidade de uma vida de oração, a unidade no interior da sua comunidade: «Para se manter a união na vida comunitária, é preciso saber deixar passar, compreender as deficiências para desculpar, saber apreciar os valores para tê-los em conta. A nossa vida de união comunitária, deve ser um testemunho de fé, de esperança e de amor, como Cristo o pediu ao Pai: “Que eles sejam um como Tu e Eu somos Um”»¹⁷.

Além da constante oração e empenho pela Unidade da Igreja, notou-se em Lúcia o mesmo empenho pela Unidade da Ordem, sobretudo no momento delicado em que estavam em estudo os documentos para a aprovação das novas Constituições, segundo as diretrizes do Concílio Vaticano II. Ela sempre procurou a unidade entre os Carmelos e destes com os padres e superiores da Ordem.

2.5. Humildade

Apesar do seu temperamento forte e determinado, uma das virtudes que caracteriza a sua vida é a humildade. Sempre soube reconhecer que era apenas o instrumento que Deus tinha escolhido para a realização de uma missão: «Confio na Tua proteção de Mãe, sei que és Tu a Mensageira do Senhor para transmitir-me a Sua palavra, a Ele pertence realizá-la, embora servindo-Se deste humilde e pobre instrumento»¹⁸.

Além disso, era muito consciente das suas fraquezas: «Humildemente, pedia perdão pelas faltas que via na sua consciência delicada, mas não escrupulosa, e com sinceridade prometia ser sempre mais fiel. Sentia um grande desejo de perfeição e de crescer no amor, para que a sua oração tivesse mais poder no Coração de Deus. Era com dor que via a sua fragilidade, as tendências da sua natureza independente a reclamar os seus direitos – traço muito acentuado na sua personalidade – e suspirava compungida: «Sinto muito tudo o que contradiz a minha maneira de ver e sentir. Tenho que morrer para que os outros vivam. Cristo morreu para dar-me a mim a vida»¹⁹. Sempre amou o escondimento da sua vida de carmelita, dedicando-se às tarefas simples da casa: rouparia, obras, quintal, confeção de terços e de alfaias litúrgicas e bordados, executando tudo com grande maestria e perfeição. Viveu, como carmelita, durante 57 anos, uma vida simples e laboriosa, sacrificada e escondida, como terá sido a vida laboriosa, pobre e humilde da Virgem de Nazaré com quem se foi configurando cada vez mais, dia após dia. Nunca atribuiu nada a si própria, dizendo sempre que era tudo por causa de Nossa Senhora: «Quando se via envolvida por muitas pessoas, atenções e solicitações,

¹⁴ Lúcia de Jesus – *O Meu Caminho*, vol. X [22 de dezembro de 1985].

¹⁵ Lúcia de Jesus – *Como vejo a mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*. 3ª ed. Coimbra-Fátima: Carmelo de Coimbra-Secretariado dos Pastorinhos, 2015, p. 24.

¹⁶ Lúcia de Jesus – *O Meu Caminho*, vol. I, p. 11-12 [15 de junho de 1921] apud Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 122-123.

¹⁷ Lúcia de Jesus – *O Meu Caminho*, vol. IV, p. 3 apud Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 374.

¹⁸ Lúcia de Jesus – *O Meu Caminho*, vol. IV, p. 132-133 [31 de dezembro de 1979] apud Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 391.

¹⁹ Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 379.

costumava dizer: é tudo por causa de Nossa Senhora!»²⁰; «Quando recebia centenas de cartas, ou era procurada por grandes e pequenos, continuará a dizer: é tudo por causa de Nossa Senhora!»²¹.

2.6. Missão eclesial

A sua missão para a Igreja e para o mundo foi-lhe transmitida por Nossa Senhora, a 13 de junho de 1917: «*Queria pedir-Lhe para nos levar para o Céu. – Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. – Fico cá sozinha?* – perguntei, com pena. – *Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.* Foi no momento em que disse estas últimas palavras que abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco parecia estarem na parte dessa luz que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra»²².

Esta missão, que foi sendo aprofundada ao longo do tempo, tem uma dupla dimensão: a Transmissão da Mensagem e a irradiação “no mundo [d]o esplendor do amor misericordioso de Deus”, segundo o Decreto sobre as suas virtudes heroicas²³. Relativamente à transmissão da Mensagem de Fátima, Lúcia manteve-se sempre fiel, uma fidelidade no tempo que vai desde os 10 anos até à sua morte, ou seja, durante 87 anos.

Simultaneamente, ao ver-se na luz que se espargia sobre a terra, Lúcia compreende que tem a missão concreta de irradiar a luz na qual foi envolvida. Assim, com a sua vida, Lúcia aponta-nos o «caminho para a morada da luz» (cf. Job 38,19) e o caminho é o Imaculado Coração de Maria, no qual habita essa luz imensa que é Deus: «Foi uma graça que nos marcou para sempre na esfera do sobrenatural. Oh! Não fosse Ela o refúgio dos pecadores, a Mãe de misericórdia, o auxílio dos cristãos, que A tenha feito descer até nós, para introduzir-nos, Senhor, no Oceano do

Teu amor, do Teu poder, do Teu imenso Ser, onde essa chama ardente nos fará viver para sempre, esse mistério do amor dos Três por mim!»²⁴.

À medida que se foi purificando, foi-se transformando cada vez mais nessa luz que se espargia sobre a terra. Por este motivo, a partir dos anos 70, numerosas pessoas, de todas as partes do mundo, recorrem, por carta, à sua intercessão, tendo recebido mais de 70.000 cartas desde então. Torna-se, efetivamente, uma luz derramada sobre o mundo, não só porque reza por tanta gente, mas também porque indica o caminho para essa Luz imensa que é Deus. Eis porque, para ela, a santidade é «viver a Luz de Deus que habita em mim, viver na Luz, viver da Luz e viver para a Luz!»²⁵. Este foi e continua a ser, a partir do Céu, o seu desejo para todos nós: «Quero que a minha vida seja um rasto de luz que brilha no caminho dos meus Irmãos indicando-lhes a fé, a esperança e a caridade»²⁶.

* * *

Confio-vos estas notas, nascidas do desejo de apreciar o dom da Irmã Lúcia para a Igreja, mas, neste dia, especialmente para o Carmelo, dando graças a Deus porque Lúcia é Carmelita Descalça. Desejo vivamente que possamos conhecer a sua não tão conhecida experiência de carmelita, vocação orante, contemplativa, eucarística, mariana, eclesial, teresiana, obediência e simplicidade, lucidez e sentido de humor.

Hoje, solenidade de Nossa Senhora do Carmo, é com muito gosto que a apresento a vós e peço à Lúcia, que nos ensine a caminhar enamorados por Jesus, filhos e filhas fiéis da Igreja, conduzidos por Maria e José.

Convido-vos a rezar pelo seu processo de beatificação e canonização. Peçamos juntos para que, se Deus quiser, possa ser beatificada em breve. Entretanto, façamos da nossa vida uma lâmpada acesa para o bem da Igreja e do mundo.

FELIZ DIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO!
16 de julho de 2024

²⁰ Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 7.

²¹ Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 478.

²² Lúcia de Jesus – *Memórias da Irmã Lúcia I. Quarta Memória*, p. 175.

²³ Dicastério para as Causas dos Santos – *Decreto sobre as virtudes heroicas da Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado* [22 de junho de 2023].

²⁴ Lúcia de Jesus – *Como vejo a mensagem*, p. 43-44.

²⁵ Cf. Dicastério para as Causas dos Santos – *Decreto sobre as virtudes heroicas da Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado* [22 de junho de 2023].

²⁶ Lúcia de Jesus – *O Meu Caminho*, vol. III, p. 183 apud Carmelo de Coimbra – *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 479.

A oração da Virgem Maria, mãe da Igreja

Frei João Costa, OCD



1. Uma antiga e feliz tradição da nossa Ordem [do Carmo] recorda-nos que a Virgem Maria, São José e o Menino costumavam subir, em família, desde Nazaré até ao cimo da Montanha do Carmo, a fim de visitar, conversar e consolar os seus habitantes, herdeiros do profeta Elias e antepassados dos Carmelitas.

Estou muito convencido de que, por anos a fio, a presença da família de Nazaré foi muitíssimo apreciada por aqueles santos varões. Será bom lembrar que nenhum deles sabia inteiramente quem fosse aquela trindade terrena, isto é, que o Menino era Deus – o Deus tão desejado e anunciado pelos profetas! –, que a Virgem, era óbvio, a Mãe de Deus era, e que José o pai!

2. Aquelas visitas faziam bem aos herdeiros de Elias e, faziam bem também à família sagrada de Nazaré. Ora, se periodicamente uns subiam ao Carmo, e outros, os do Carmo, abriam as portas, os braços e o coração àquela trindade bem-aventurada, a razão era uma só: do mais novo ao mais velho, todos beneficiavam da visita, do encontro santo, dos abraços, da presença, do diálogo e da oração em comum.

A bênção era mútua.

Para que tenhas, leitor, leitora, melhor noção das linhas que percorro, repara só: eu jamais estou a ver a Virgem a confessar: – *Olhai, eu sou a Mãe de Deus, que este meu filho vosso Deus é...* Eu não estou a ver isso, não! A Virgem era recatada, e nem nos mais íntimos e profundos colóquios espirituais com o abade do lugar, e muito menos nas redes sociais de ao tempo – o lavadouro! –, se punha a publicar isso. E o calado José também não. Antes levava duas ou três ferramentas essenciais, e sempre um

mascoto, e compunha uma porta aqui, um banco acolá, um algeroz além, e fabricava mais uma escudela que desse jeito à comunidade. E ficava cumprida a sua missão, entre silêncios e invocações ao Senhor Jahvé. E o Menino? Oh, meu Deus, o Menino era um menino como os outros: ora brincava com as formigas, ora beijava pardalitos para logo os soltar, ora corria de bracitos no ar atrás das borboletas, ora se emocionava com os pirilampos, ora dormia no santo regaço da Mãe.

As visitas ao Carmo foram frequentes – mais que uma por ano, quero crer! –, pelo menos até à morte de José. Sim, foi também na solidão do Carmo que Jesus aprendeu a discernir o seu caminho, a sua missão – pois que não correu só atrás de borboletas, não. Aliás, jamais a Virgem deixou de ali subir, até mesmo enquanto Ele se deu a percorrer os caminhos da Palestina para anunciar o Reino de Deus.

Aliás, ao longo da sua juventude, tudo o que o filho dizia e fazia era novo para a Virgem e ela ia discerni-lo ali, na solidão da Montanha do Carmo! E é por isso que também temos por certo que foi ela quem, luminosa e iluminada, depois do Pentecostes, tudo foi contar aos seus amigos do Carmo, e os fez abraçar o Evangelho de Jesus. E recolhendo as emocionadas palavras da Virgem, logo eles anunciaram por toda a parte as Palavras de Jesus, e a todos O ensinaram a amar e a seguir.

Ah, o Pentecostes...

Mas até chegar ao Pentecostes, muita água correu pelos arroios do Carmelo e pelos ribeiros da Galileia. Muitas vezes, muitos dias, as mãos de Maria lavaram o Menino, lhe enxugaram o corpinho e a cara, e lhe pentearam o cabelo. Muitas vezes, muitos dias, preparou umas lentilhas para

José, e umas papas de milho para o catraio. Muitas vezes, muitos dias, as mãos de Maria brincaram com o Menino, e fizeram por se enganar, para que sempre ganhasse Deus! Muitas vezes, muitos dias, as mãos de Maria se chegaram por detrás e lhe taparam os olhos, e ele, que também era Deus, sempre descobria que aquelas eram as mãos da mãe! Muitas vezes, muitos dias, as mãos de Maria deram glória a Deus, e enquanto pespontavam um *caturno*, simultaneamente, liberava ela, pela sua oração, uma montanha de pecadores! Muitas vezes, muitos dias, as mãos de Maria atravessaram as nuvens até chegarem a acariciar o rosto do Pai e depois baixavam e secavam lágrimas e rostos de pobres!

3. Pela volta dos doze o Menino estava feito um homem. Nessa Páscoa foram ambos os três e regressaram os três ambos. Segundo parece, vinham iguais, mas não inteiramente iguais. Como veremos. Por mais de uma vez, José e Maria haviam-lhe explicado que Jerusalém era maior que Nazaré umas duzentas vezes. Falaram-lhe do templo e dos seus rituais. E Jesus escutava como se nada soubesse. Ao se achegarem a Jerusalém, verificaram que cidade misturava o religioso com o profano, o comércio com especulação e a fraude. À chegada, antes de tudo, foram ao templo. Maria entrou e ficou-se pelo átrio das mulheres, a rezar em autêntica oferenda: Aquela que trouxera Deus ao mundo, e no-lo dera em Belém, agora, em Jerusalém, oferecia o seu menino a Deus, como Salvador de todos os homens e mulheres! E Deus aceitou a sua oração e a sua oferta! E por fim, depois da festa, houve uma tarde em que Maria e José se perderam de Deus, que no templo ficara por decisão inteiramente própria, e ali O voltaram a encontrar respondendo às perguntas dos severos doutores da Lei!

4. Por fim, Deus, a Mãe de Deus e José regressaram ao casebre de Nazaré, e ali, sujeito a eles, foi Ele crescendo como homem, em estatura e em graça! Sempre sem o dizer a alguém, Maria continuava a ser Mãe de Deus e Rainha dos Anjos, passajando roupa, buscando água à fonte, cozinhando e varrendo a casa. E servindo a Deus com suas mãos, com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento. Tudo, tudo, tudo para O louvar, O bendizer, O adorar ali presente em casa, guardando tudo que era Dele, no seu coração de mãe! Por trinta anos a mulher do carpinteiro tratou de ocultar às suas amigas ser a Mãe de Deus e Rainha dos céus e da terra! Trinta anos sem dizer nada, ela que beijava a Deus antes de Ele dormir, que rezava a Deus ali dormido do outro lado da cortina, comendo da sua sopa de cebola, rindo das coisas simples da vida familiar, e martelando, por vezes, os dedos, e soltando um... *«por trinta camelos e nove coros de anjos!»*.

5. Um dia Jesus saiu de casa para anunciar o Evangelho. A mãe fez-lhe a mochila sem uma palavra nem uma lágrima, visto que há anos sabia que um dia o filho se iria. E quando o filho se lhe foi, os ruídos da casa eram os de sempre, mas faltava-lhe Jesus. E não, ela não O travou nem impediu, mas deu-se conta que ficava na solidão e que agora teria de rezar de outra maneira. Enfim, a oração solitária de Maria começou muito mais cedo que Sexta-feira Santa e durou muito mais tempo – e sim, como sofria ela a ausência de Jesus!

Passados meses de ausência, Jesus encontrou a mãe em Caná, num casamento. Maria estava ali para servir e fazer felizes os noivos; para lavar pratos e servir em tudo o mais que fosse necessário. Estava ali para se dar conta de que se o vinho começa a faltar, seis imensas talhas de água fria não ajudam nada à festa! Estava ali, enfim, para interceder pela alegria noivos junto do coração de Jesus – *«eles não têm vinho»*, disse-lhe na altura certa...

E no fim da festa que durou oito dias, Maria voltou à casa pequenina de Nazaré que, sem Jesus, lhe parecia enorme como o templo de Jerusalém, onde um dia o perdera... E olhava de roda e via no mesmo prego de sempre o mesmo serrote de José, e no mesmo canto da casa a mesma cadeira de Jesus... E a esta hora uma coisa há, que é muito para espantar: a seu tempo, Jesus assegurara à mãe que lhe concederia a vida eterna, mas nem por um momento decidiu fazer-lhe um pequeno baú e deixá-lo cheio de moedas para que ela sobrevivesse quando sem ele! Não, a mãe só, a mãe da oração e da solidão, se quis comer, teve de trabalhar, ou como se diz em alguns lugares: *teve de ir rezando e com o maço dando...*

Um dia Jesus regressou a Nazaré; e quem encontrou à porta da casa? – A mãe! A mãe que logo o abraçou e lhe lavou os pés e, depois, apressada, tirou do armário que José um dia lhe fizera a melhor malga de madeira, para lhe servir um caldinho consolador, como só ela lhe sabia fazer! E enquanto Ele comia, ela, de colher no ar, mirava-lhe a cabeça, o cabelo lindo, a linha das sobrancelhas, os lábios, a pele tisonada pelo sol, o corpo emagrecido. Andava descuidado e maltratado o seu Jesus...

O outro dia era sábado e Jesus foi à sinagoga; a mãe, não. Curiosa ela não era e, naquela hora, mais houve de dar-se ao recato. Aconteceu, pouco depois, que três mulheres lhe correram para a porta a fim de avisá-la que os homens da sinagoga, tanto parentes como conhecidos, tinham decidido matar-lhe o filho, atirando-o por um despenhadeiro abaixo! Saindo logo ao terreiro, dali, impotente, assistiu à cena: a turbamulta empurrava o seu Jesus com murros, ameaças e impropérios. E o doce coração da mãe, em tumulto, batia forte, fortemente; e ali, naquele momento de aflição, ela não soube o que rezar! Chega-

Tudo, tudo, tudo para O louvar, O bendizer, O adorar ali presente em casa, guardando tudo que era Dele, no seu coração de mãe!

dos, porém, ao despenhadeiro, sem esforço, Jesus como que abriu caminho por entre a impenitente testosterona do gentio barbado, e sem se virar, nem se despedir de alguém, seguiu o caminho do mar e não mais voltou!

6. E Maria continuou só, de porta aberta para quem quisesse entrar! Virão muitos meninos aprender dela a catequese e a oração, a ouvi-la falar de falas de anjos, da bondade e da misericórdia de Deus, de Jahvé, do Pai, de eternidade, da aliança, da fé e confiança em Deus. Mas sem nunca, nunca, revelar que o seu filho era Deus! Dali a nada Sexta-feira Santa foi. Dali a nada, ela que tivera o menino Jesus nos braços, recebeu no seu regaço a Cristo morto! E as mãos de Maria que sempre O tinham servido e cuidado, trataram de Lhe limpar o rosto sujo, as macerações, o corpo frio e cheio de contusões, rasgões e borbotões de sangue...

Eis de novo a Mãe só, ela que aprendera a viver só, para que tivéssemos a Deus por inteiro! Eis a Mãe sem palavras, a Mãe sem orações, a Mãe sem voz, a Mãe das lágrimas, com o seu filho amado, com o seu Deus adorado no colo; jazendo-lhe morto! E a Mãe não tem ali outra oração, outro ui nem ai, senão a de estar só... só com o corpo morto de Jesus, junto à cruz! Só. Só ela só e Jesus, e uma réstea de esperança! Só ela só e aquele calado peito que ela tantas vezes beijara. E aquelas formosas mãos que ela lavou, aquelas mãos benditas que multiplicaram pães e peixes, que trabalharam e curaram tanta gente. Ai, aquelas mãos que na Noite Santa tinham abençoado o pão e o vinho e no-los deram como seu Corpo e Sangue verdadeiros! Ela as viu. E ela as beijou. E agora restava só, ela só, com a esperança de que... de que passados três dias...

Ah, como é difícil para ti, Maria, alimentares a oração em tal noite escura, apenas com o pequenino pão ázimo

da esperança! Como foi difícil acompanhares o teu filho à sepultura e ver que Pedro fugira, te abandonara, O abandonara. E todos os demais por igual. Como foi difícil regressares à sala de cima do Cenáculo onde, assustados, macambúzios e culposos, se haviam refugiado os discípulos do teu filho! Com encará-los sem lhes querer mal? – Rezando, rezando e perdoando-os, e confiando que as horas passariam, e em passando, trariam risos e cânticos de aleluia, saltaricanços e abraços! E ali, no breu, andavas tu, por lá andarilhavas tu, noite e dia, limpando, asseando e rezando no segredo e na esperança do teu coração, confortando-os com o teu sorriso esperante, com a tua oração confiante – até que os três dias passaram!

E tu que não tinhas sorrisos para sorrir, não sorrias, mas confiavas, acreditavas e esperavas pela Páscoa. Tu só tu, nunca Pedro, nem Madalena, nem os de Emaús. Por fim, ao terceiro dia não foram eles quem te saudaram e te desejaram uma Páscoa feliz, mas foste tu que na força da tua oração, da tua união a Jesus, os foste convencendo que a Páscoa estava a acontecer, a rebentar, a florir, que Jesus tinha ressuscitado e que, depois Dele, também nós ressuscitaríamos!

E depois, antes que Jesus subisse ao céu, tu que sempre serviste, serviste ainda uma última refeição, feita de amor e carinho. Em pós a refeição Ele deu graças, despediu-se de todos e subiu, abençoando. Então, atônitos, torpes e atontados, os Apóstolos ficaram a olhar para a nuvem, até que os chamaste à razão, e assumindo-os como filhos queridos, tal como para ti sempre fora Jesus, com eles rezastes, como rezaste com Jesus, e os ajudastes com preces, salmos e cânticos a aguardar a descida do Espírito Santo! E como sempre fizeras, apenas cumprias o teu dever; e com a luz da tua oração rasgavas caminhos no horizonte da Igreja!

II CONGRESO INTERNACIONAL SANTA TERESA de LISIEUX

MI VOCACIÓN ES EL AMOR

MANUSCRITOS B y C DE LA HISTORIA DE UN ALMA
TERESA DEL NIÑO JESÚS Y DE LA SANTA FAZ

2 - 7 septiembre 2024



MATRÍCULAS ABIERTAS